

Estudo de Caso

FADIGA E SÍNDROME DE BURNOUT ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE BARBALHA

Raimunda Lucélia Saraiva Fernandes (1)
Agrênia Custódio de Lima (2)

Resumo

A Síndrome de burnout é considerada como um dos principais indicadores de bem-estar subjetivo, sendo avaliada como uma medida geral ou como referência a áreas importantes da vida, a exemplo do trabalho e da família. Este estudo discute a compreensão da Síndrome de Burnout e sua possível associação com a Fadiga em professores da educação infantil. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário de Burnout de Maslash, uma escala de 7 pontos, variando de 0 (nunca) a 6 (todo dia), a Escala de Avaliação da Fadiga um instrumento auto-aplicável com 10 itens, cujas respostas são avaliadas em escala de cinco pontos, variando de 1 (*Nunca*) a 5 (*Sempre*) e, uma entrevista semi-estruturada contendo informações sócio-demográficas. Concluímos haver indícios de Síndrome de Burnout e fadiga na amostra estudada, entretanto recomendam-se novos estudos em que possam utilizar um universo maior de sujeitos, inclusive com um maior número de escolas. Acreditamos que estudos futuros que utilizem o argumento em favor da idéia de que as relações sociais podem, de várias formas, promover melhores condições de saúde, podem nos esclarecer mais sobre a temática da Síndrome de Burnout.

Palavras-chave: Síndrome de burnout, Fadiga, Educação infantil

Introdução

O presente trabalho, é mais um estudo no âmbito da Síndrome de burnout. Este construto é importante para a qualidade de vida e o bem-estar do ser humano nas diversas esferas da sociedade inclusive nas esferas educativa, social e principalmente humana.

É de grande valia e importância social e educacional levar a diante mais estudos sobre esta temática, para que se forme uma maior base teórica, de forma a propiciar um maior entendimento de aspectos possam ajudar na promoção de uma vida acadêmica mais saudável e com maiores possibilidades de resultados. Portanto, o objetivo aqui foi de ser um instrumento a mais na compreensão desse construto (síndrome de burnout), não havendo pretensão conclusiva.

A educação infantil tem sido estudada por diversos estudiosos da temática, principalmente por ser uma época básica do desenvolvimento humano, onde o pequeno ser ainda está muito maleável em termos de

formação da sua personalidade. Diante destes aspectos, parece relevante e justificável compreender como está a satisfação com a Vida dos educadores da Educação Infantil.

Considerando os objetivos propostos, o presente artigo se estrutura da seguinte forma. Na primeira parte, são apresentadas considerações sobre a *Educação Infantil, A criança em idade escolar*, e sobre a *Síndrome de burnout*, enfocando as bases teóricas deste construto e seu conceito. Seguem-se os *objetivos gerais* e *específicos* deste estudo, e uma explicação detalhada do *método* e procedimentos, finalizando com uma análise dos *resultados* e *considerações finais*.

Nesta oportunidade, são reconhecidas potenciais limitações do estudo e resumem-se os resultados principais encontrados. Nas partes restantes deste artigo são apresentadas as *referências* bibliográficas e os *anexos*. Este artigo, pois, pretende oferecer uma contribuição neste âmbito, disponibilizando informações, principalmente, sobre a Síndrome de burnout entre professores da educação infantil.

A Educação Infantil

Primeira etapa da educação básica antecedendo o ensino fundamental e o médio, com caráter obrigatório, direito de todas as crianças de até 5 anos de idade atendidas em creches e pré escolas, etapa de desenvolvimento humano muito importante para a sociedade.

Educação infantil modificou o que se chamava educação pré escolar atendimento à crianças fora da família que não freqüentava o que não se considerava a escola. Com a generalização da escolaridade dentro do nível de ensino considerado obrigatório, a idéia de jardim da infância (discurso da psicologia) e pré escola limitou-se aquilo que a legislação brasileira chama de educação infantil.

Os sistemas da educação infantil diferenciam quanto à porcentagem de crianças atendidas nas diversas faixas etárias, de acordo com a economia de cada localidade, a educação infantil pública sofre perdas ou diminuição do número de crianças atendidas devido a investimentos feitos pelos pais de classe média na educação infantil das crianças, ou divergem também na necessidade de crianças menores (as de creches) passarem dois turnos na escola por conta das atividades cotidianas dos adultos.

Sobre políticas públicas próprias para educação infantil, visto que os familiares, educadores e responsáveis por essas políticas têm expectativas diversas para as habilidades de cada criança em relação ao que ela deve alcançar condicionada pela classe social com a educação. Instituições mantidas pelo poder público dar prioridade a trabalhadores de baixa renda (risco social), um serviço de assistência à família, para que os pais possam trabalhar despreocupados dos cuidados básicos dos filhos pequenos. Em outros grupos sociais privilegiados, as creches e pré escolas devem ser organizações que garantam aprendizagem e desenvolvimento social desde o nascimento.

A creche órgão que cuida da assistência social, e a pré escola um cuidado superficial que faz parte dos órgãos educacionais com propostas pedagógicas de ação educativa que visa promover o desenvolvimento das diferentes classes sociais. Obedecendo a critérios mínimos de qualidade são criadas políticas públicas para a educação infantil que dão autonomia e compromisso as instituições públicas para desenvolver programas de qualidade para a educação infantil.

A creche e a pré escola devem encarregar-se de educar as crianças de diferentes culturas, articulando convenientes contextos de vivências e desenvolvimento. Tomando como referência não apenas a cultura das classes media superiores assegurando assim unificação social.

A educação infantil em creches e pré escola precisa evoluir suas políticas publicas em instituições onde as crianças tenham fala, pronunciar-se desde nascimento, construindo cultura, tendo espaço para serem compreendidas justificando seus princípios.

A creche, colocada como um serviço assistencial para crianças desprovidas de cuidados domésticos tem definido a infância como uma questão de ordem social e é apenas um contribuinte na educação dos pequenos. Essa educação recai sobre a família, a creche se limita como substituta da família, a desenvolver atividades que requerem um olhar muito imediato sobre a criança. Constituindo um retrato da infância dispersando de uma sociedade e sua cultura.

A pré escola, mesmo quando busca identificar-se com o sistema de ensino adere para um ensino individualista apartado do ambiente social, colocando as crianças em atividade pouco significativa as suas experiências pessoais em rígidas rotinas em turmas organizadas muitas vezes em seriação (ex: infantil I,II,III,IV e V)prevalendo uma preparação para o ensino fundamental ,levando a políticas publicas de garantias de vagas para o ensino fundamental , próximo dos seis anos.

É preciso repensar concepções, por exemplo, a idéia de infância (fase em que a criança não fala ?)quando a criança ainda não adquiriu a língua de sua cultura, desde o nascimento a criança constitui um sistema, faz parte de entorno social, choro, risos , gestos,são tentativas de comunicação, mesmo quando a criança fala sua fala não conta as crianças das formas adultas de linguagem, em um processo significativo do desenvolvimento fazendo uma relação do pensamento e a linguagem.

As crianças aparecem com uma nova identidade, curiosas e ativas, com direitos e necessidades, necessitando de espaços diferentes tanto do ambiente familiar, onde é objeto do afeto dos adultos quanto do ambiente escolar tradicional, orientado para avaliar a criança dentro de seus parâmetros exteriores. Com isso, as creches e pré escolas devem aproximar cultura, linguagem, cognição e afetividade como elementos do desenvolvimento humano voltados para a construção da imagem e lógica como a sociabilidade, a afetividade e a criatividade, tem suas raízes e gêneses. Mas, o desenvolvimento do raciocínio lógico e a construção de conceitos científicos são adiados para o ensino fundamental.

A educação infantil pode trabalhar com conhecimentos elaborados trazendo para vivencia cotidiana da criança, expressando situações particulares, recordar, entender uma historia um fenômeno da natureza, levando a criança a ler o mundo. Higiene, preocupação com a saúde, assistência, auxilio a população de risco social, tem grande influencia nas propostas de creches e pré escolas, um cuidado ao educar.

Por muitos séculos, o cuidado e educação das crianças pequenas eram tarefas domesticas da mãe, bastava parar de mamar a criança já passava a ajudar nas atividades cotidianas e a elas eram ensinadas o básico para se integrarem na sociedade, em casos assim os paparcos eram superficiais e não se considerava a identidade da criança. A família aparece com a educação preferencial e a creche como atendimento de guarda fora da família para as crianças pequenas com pré domínio quase exclusivo de contextos domésticos com arranjos alternativos para prestar cuidados aquelas crianças em situações desfavoráveis que foram culturalmente transformados ao longo da historia.

Nas diferentes culturas as crianças ocupam-se de diferentes atividades, em algumas na liberdade infantil; em outras auxiliam pelo menos em tarefas domésticas; em algumas são engraxates, catam lixo ou ainda pedem esmola nas ruas das cidades; executam tarefas de trabalho produtivo; são colocados a produzir atividades escolares de níveis mais adiantados. E são essas narrativas culturais da infância da criança que as definem na adolescência, idade adulta ou velhice.

A criança em idade escolar

A experiência de lidar com crianças pequenas é muito interessantes, desde bebe elas demonstram sua inteligência em interações, em coisas que fazem e em perguntas entendidas como trocas de mensagens. Antes de poderem construir uma narrativa lógica, elas constroem uma lógica na ação, por meio de estratégias não verbais. Mais tarde, chega a fase do por que, explicações e exigências necessárias para esclarecer suas construções, de acordo com as experiências vão adquirindo com sua linguagem provocando desafios a professores, família ou outros adultos, em algumas ocasiões testam possibilidades, fazem verificações, justificam ações ou pontos de vista consolidando saberes adquiridos com curiosidade voltam-se para conhecimentos novos.

Piaget, por meio da sua contribuição a respeito do desenvolvimento do pensamento infantil - a forma como se estrutura e se configura-, mostra que ele se dá por imagens e também por corte-e-cola, juntando fragmentos do que a criança já conhece para formar uma configuração que ela desconhece-o que se manifesta mais claramente para os adultos como o “falar errado” das crianças. Mais também, a partir do julgamento moral, indicando a importância do contato com os adultos, primeiramente, e com outras crianças, mas tarde, para o desenvolvimento desse tipo de juízo e para a construção das regras pelas crianças. (CADERNOS DE PESQUISA, n.117, Novembro/2002).

A gênese do pensamento e a constituição de si mesmo tornam engraçadas as interações com outros parceiros em práticas sociais concretas de um ambiente que reúne circunstancia artefatos, práticas sociais e significações. A criança ao interagir práticas sociais já vivenciadas, se apropria de estratégias para memorizar, narrar, solucionar seus problemas; geram normas, regras de valores, muitas vezes conflituosas e confrontantes que podem ser confirmados, diversificados e desaparecer. O afeto do professor pode influenciar na ação, escolha ou rejeição de objetivos de valores ou elementos, em eventuais situações praticadas por parte das crianças. Em toda atividade humana afeto e cognição são inseparáveis.

As crianças menores são ativas e agentes do seu próprio desenvolvimento, apresenta certa organização no comportamento e algumas condições para perceber e a reagir a certas situações, e não apenas as crianças se modificam nesse processo, mas também os professores e as demais crianças interagem oportunidades para se desenvolver. As crianças nascem com estruturas pré-adaptadas para iniciar, manter e terminar interações com outros humanos. Modulam suas expressões muitas vezes rudimentares (gritos, gesticulações), para satisfazer necessidades fisiológicas, afetivas, cognitivas. Elas constituem formas mais elaboradas de perceber, memorizar, solucionar problemas, lembrar-se de algo, emocionar-se com alguma coisa, formas essas historicamente construídas.

As instituições de educação infantil de relação afetiva entre a criança e as pessoas de seu entorno é considerada fundamental nas perspectivas sócio-histórica, mas não apenas nela. Para o desenvolvimento

psicológico normal, a criança deveria estabelecer um vínculo afetivo, uma relação contínua e íntima a figura da mãe, o professor como recurso de desenvolvimento para a criança dependem muito das características e necessidades dela e dos significados de um e outros emprestam a situação vivida, geralmente pouco concordantes.

O ambiente que asseguraria a satisfação das necessidades de sobrevivência física da criança, dar suporte emocional e o sentido de pertencer a um pequeno grupo social e que conferiria uma identidade básica seria a família, mas a entrada das mulheres no mercado de trabalho foi acompanhada por concepções que defendiam o cuidado e educação das crianças pequenas em creches e pré-escola como alternativa valiosa de promoção do desenvolvimento infantil. E assim foi construindo o ambiente educacional culturalmente modificado por gerações de atividades e criatividade humana e mediados por complexos e crenças ligados aos objetivos e prioridades para aprendizagem.

O valor das experiências infantis e os perigos e benefícios de seu ambiente não pode assim ser separado da realidade cultural em que as crianças se desenvolvem dos valores e objetivos que orientam suas vidas, suas experiências iniciais e trajetórias futuras.

Boas práticas pedagógicas em creches e pré escola inicia-se pelos professores que se apropriam de modelos pedagógicos de representação social como elementos canalizadores em suas ações, mas não os revêem criticamente nem os integra adequadamente seu cotidiano profissional. E várias perspectivas já adotadas na área continuam convivendo na prática dos docentes. Os professores atuantes em creches e pré escolas criam pressupostos, acordos, regras básicas que são assumidos e transmitidos por seus integrantes como modos corretos de observar, pensar e sentir em relação ao trabalho desenvolvido e aos problemas criados.

Construir uma proposta pedagógica incide numa opção por organização curricular que seja um elemento mediador da relação com a realidade cotidiana da criança e a realidade social mais ampla, com outros conceitos, valores e visão de mundo, Significa elaborar um discurso que potencialize mudanças, que oriente rotas. Concretizar um currículo para as crianças. Mas não entendido como um plano individual e sim, coletivo, uma obra aberta, criativa e apropriada, o aqui, agora de toda ação educativa.

Planejar esse currículo implica ouvir os professores suas concepções e decisões, problematizar as decisões deles, evitando perspectivas fragmentadas e contraditórias, que refletem as influências das várias concepções educacionais vivenciaram ou que tiveram contato.

Reconhecer as famílias como interlocutoras privilegiadas, garantir a participação delas e da comunidade, tarefas que exijam a superação de muitos obstáculos. E que inclua a grande diversidade de aspectos a depender da proposta pedagógica que cada instituição elabora para orientar sua ação dentro de um estilo cultural própria.

A junção da instituição educativa com a família suscita-nos repensar a especificidade de ambas as partes no desenvolvimento infantil. Muitos discursos tratam a família de modo contraditório, considerando-a ora como um refúgio da criança, ora como ameaça ao seu desenvolvimento. Tais discursos pouco levam em conta os fatores econômicos e sociais que presidem a organização da família, a divisão de tarefas no lar, o tempo que cada membro da família pode dedicar-se à criança.

As maiorias das instituições de ensino de educação infantil têm uma visão de que o lar é um lugar livre de tensões, um refugio harmônico onde todos buscam o mesmo interesse. E não aprovam as formas são organizadas as famílias hoje, seguem a imagem de família onde o pai é o responsável pela sobrevivência e a mãe

responsável pelos filhos e harmonia cotidiana- avaliam como ambiente bom para a criança; separação de casais, famílias mono parentais, uniões informais e homossexuais não são bons para o desenvolvimento psíquico e moral da criança. E os professores devem considerar as várias referências de famílias existentes, as famílias são obrigadas a construir diferentes ambientes para seus membros, os quais estão em permanentes mudanças.

A violência presente em muitas famílias, a diminuição do tempo dos pais disponível para ficar com os filhos, o abandono de crianças, arranha a imagem de ambiente protetor da família. Mas a família não pode ser destituído do seu valor educativo em proveito da creche e pré escola.

As creches e pré-escolas apesar de reconhecer a importância do trabalho com a família consideram despreparadas as famílias de baixa renda e também as famílias formadas por pais adolescentes.

Nas creches e pré-escola as crianças têm o professor como um parceiro no seu processo de desenvolvimento. Uma pessoa verdadeira e afetiva, que acolha suas emoções e lhe permita estruturar seus pensamentos. Respondendo à criança, ampliando, redefinindo e esclarecendo seus comentários, confusões ações, devendo alimentar o pensamento infantil, propondo-lhe questões que ajudem consolidar idéias que já possui e construir hipótese.

As interações da criança com o professor não deve se direcionar apenas a informações, mas a habilidade e o conhecimento de mundo chegando à construção ética, estética, noção política e identidade social. O professor deve estimular a criança a construir novas significações e a relacionar o que estão aprendendo na creche e pré escola com outras experiências fora dela levando-as a significações nas suas diversas vivencias culturais. O professor precisa ter muita sensibilidade para acompanhar o intelectual da criança e a criança compreender o sentido dado pelo professor para assimilar a suas situações.

Por isso acreditamos que saber sobre possíveis limitações dos professores, relacionadas ao estresse e, mais especificamente ao desenvolvimento da Síndrome de burnout, certamente ajudará a compreender, refletir e prevenir os possíveis elementos que desencadeiam esta síndrome, minimizando seus efeitos nocivos.

Síndrome de Burnout

A síndrome de burnout é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais que trabalham com qualquer tipo de “cuidado”, havendo uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional com outras pessoas. Maslach e Jackson (1981) conceituam burnout como uma síndrome de exaustão emocional que ocorre frequentemente com indivíduos que lidam com pessoas em seu trabalho ou surge como resposta ao estresse ocupacional crônico, relacionando-se a atitudes negativas e de indiferença para com os clientes e para com a própria atuação profissional.

Analisando conceitos e características da síndrome de burnout, Borges et al. (2002), sugerem tratar-se de uma síndrome multidimensional, em que a exaustão emocional refere-se a sentimentos de fadiga e redução dos recursos emocionais necessários para lidar com a situação estressora. A despersonalização refere-se a atitudes negativas, ceticismo, insensibilidade e despreocupação com respeito a outras pessoas, e a baixa realização pessoal no trabalho refere-se à percepção de deterioração da autocompetência e falta de satisfação com as realizações pessoais no trabalho. Assim, o burnout consiste na “síndrome da desistência”, pois o

indivíduo nessa situação deixa de investir em seu trabalho e nas relações afetivas que dele decorrem e, aparentemente, torna-se incapaz de se envolver com ele (CODO; VASQUES-MENEZES, 2000).

Codo (1999) afirma não existir uma definição única sobre a síndrome, embora haja consenso entre os estudos desenvolvidos de que seria uma resposta ao estresse laboral crônico, em que o professor envolvido direta e afetivamente com seus alunos sofreria desgaste profundo, não conseguindo romper com a pressão da patologia que o atinge.

A ocorrência de burnout em professores é considerada atualmente um problema social de extrema relevância e vem sendo estudada em vários países. Burnout vincula-se a grandes custos organizacionais, por causa da rotatividade de pessoal, do absenteísmo, de problemas de produtividade e qualidade de serviço prestado (CARLOTTO, 2004). Estudos realizados levaram ao consenso de que ensinar é uma ocupação altamente desgastante, com repercussões evidentes na saúde física e mental e no desempenho dos professores (SILVANY NETO et al., 2000). Porém, no Brasil, apenas a partir da década de 1990 é que se intensificou o número de estudos abordando condições de saúde e trabalho nessa categoria profissional, especialmente em escolas públicas.

Ao relacionar as atividades dos profissionais da educação com a síndrome de burnout, Carlotto (2002) afirma que o professor pode ter prejudicado seu planejamento de aula, deixando de realizá-lo com frequência e tornando-o de menor qualidade. O professor apresentaria ainda perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro.

Para Wood e McCarthy (2002), recentes estudos apontam que professores com risco para o burnout passam a ver seu trabalho inconsistente e sem sentido, conflitando com o que tinham estabelecido como importante papel no início de sua carreira.

Em função dos baixos rendimentos, os professores se obrigam a ter uma carga horária laboral mais elevada. Consequentemente, resta pouco tempo para se aperfeiçoarem ou se atualizarem. Além disso, alunos, pais e a sociedade em geral tornam-se mais exigentes, ao mesmo tempo em que se nota a falta de professores qualificados no mercado. Os que se encontram na função são penalizados com sobrecarga de atividades. Sabe-se que as tarefas de um professor não se restringem ao período em que está em sala de aula, pois há a necessidade de preparar aulas, provas, corrigir e orientar a produção do aluno e participar de reuniões, entre outras atividades burocráticas inerentes à instituição de trabalho (GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

Nesse contexto, o presente estudo tem o intuito de estimar a prevalência da síndrome de burnout em professores da Educação Infantil em escolas do Centro de Barbalha, Estado do Ceará.

Fadiga

A síndrome da fadiga crônica é uma doença caracterizada pela presença de fadiga inexplicável, de duração maior que seis meses, que envolve sintomas como cefaléia, dores pelo corpo, dor nas articulações, problemas com a memória e distúrbio do sono, causando incapacidade física ao paciente. A fadiga crônica é uma condição muito comum na população geral. (Levy *et al.*, 1998)

Estudos mostram que a queixa de fadiga como sintoma está presente em 21 a 38% das pessoas ocidentais. Já a prevalência da síndrome da fadiga crônica, baseada nos critérios diagnósticos do CDC - Center

for Disease Control, Atlanta - EUA, está em torno de 0,5% da população em geral. Tais critérios foram estabelecidos em 1988 e revisados em 1994. Não é incomum a doença surgir em períodos em que estão presentes desordens afetivas, como ansiedade e depressão. Mais de 30% dos pacientes fadigados apresentam problemas apenas na esfera psicológica. Por outro lado, a depressão pode acompanhar a síndrome da fadiga crônica desde o seu início ou se manifestar em decorrência desta (Goldstein, 1993).

Fadiga é uma experiência universal que geralmente desaparece após uma boa noite de repouso, em muitos casos, esta sensação de desconforto pode persistir tornando-se crônica (Piper, 1986).

No caso de indivíduos com doenças crônicas, a fadiga se apresenta de maneira diferente da fadiga diária, este tipo se apresenta como um sintoma complexo provocado por condições físicas e psicológicas preexistentes. De maneira geral, inclusive nas doenças crônicas, a fadiga é um sintoma comumente angustiante. (Rhodes et al.,1988).

A partir da década de 20 as tentativas de conceituar fadiga reportam dificuldades de aferição e interpretação por se tratar de um fenômeno bastante complexo (Marziale,1990).

Potempa (1993) relata que fadiga é uma queixa comum relacionada com eventos específicos como pouco sono ou falta de exercícios, nesses casos a fadiga é facilmente remediável. Entretanto, sua persistência interfere no cotidiano do indivíduo, tornando-o debilitado. Essa condição é freqüentemente referida como fadiga crônica.

Ryan (1994) define a fadiga como um estado geral do indivíduo, resultante da atividade contínua de trabalho.

De acordo com Cameron (1973), fadiga é uma resposta generalizada ao estresse com efeitos agudos ou crônicos. O autor evidencia a importância da ansiedade e dos distúrbios do sono como diretamente relacionados ao aparecimento da fadiga.

Segundo Lino (1978), a fadiga é uma alteração reversível da coordenação das funções biológicas, físicas e psíquicas. Uma vez retiradas as causas que a provocam, o organismo se põe em situação normal. Em caso de persistência, a fadiga, pode tornar-se patológica.

Os sinônimos de fadiga segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: cansaço, canseira, fadigamento e diminuição gradual da resistência de um material por efeito de solicitações repetidas (Ferreira, 1999).

A fadiga, pode ainda ser definida como uma sensação subjetiva de exaustão influenciada pelo ritmo circadiano, podendo variar quanto a sua duração, freqüência e grau.(Piper, 1986)

Assim como existem vários conceitos em torno da fadiga, existem também vários sistemas de classificação, mas muitos deles são de pouca validade para a psicologia. Porém, o conceito de fadiga crônica e aguda, que caracteriza o sintoma de acordo com sua duração, é de alguma valia. Segundo Piper (1986), na forma aguda, a fadiga é um mecanismo protetor, mas quando se torna excessiva ou constante (crônica) deixa de ser um mecanismo protetor e pode levar a uma fuga de atividade.

Os indicadores da fadiga, citados na literatura, podem ser objetivos como os fisiológicos, bioquímicos e comportamentais, e subjetivos que são indicadores percebidos como sentimentos e sensações específicas de cansaço (Skalla e Lacasse, 1992; Yoshitake, 1978; Yoshitake, 1992).

Diante do exposto, a Escala de Avaliação da Fadiga certamente trará contribuições, no sentido de se verificar uma possível associação desta com a Síndrome de burnout em professores do Ensino Fundamental, no Município de Barbalha.

Analisaremos os dados a partir da classificação de fadiga aguda ou crônica e seus indicadores subjetivos, à partir do instrumento proposto por Michielsen et al. (2004) e validado no Brasil por Oliveira (2008).

Método

O presente estudo será realizado no Município de Barbalha, localizado na região metropolitana do Cariri, no sul do Ceará, com uma área 479, 184km² e uma população de 53.011 habitantes (IBGE 2009).

Trata-se de um município de clima agradável, tropical quente semi-árido com pluviometria média de 1.160,1mm, e chuvas concentradas de janeiro à abril. Abriga a Floresta Nacional do Araripe, importante ecossistema da flora e da fauna regional, inclusive para espécie ameaçadas de extinção.

A economia de Barbalha tem sua base tradicional no comércio e na agricultura. Possui ainda algumas atividades econômicas ligadas ao turismo e a saúde.

Tem como principal evento cultural a festa do pau da bandeira: Atualmente, o mês de junho é destinado a homenagear Santo Antonio, padroeiro da cidade.

Fizeram parte deste estudo 38 professores de seis escolas de Educação Infantil localizadas no Centro do Município de Barbalha, num total de 6 (seis), a saber: Centro de educação Infantil Maria das Graças F. Correia; Escola de Educação Infantil Alfredo Correia de Oliveira; Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles; Escola de Educação Infantil Maria das Dores Sampaio; Creche Maravilha e Centro de Educação Infantil Murilo de Sá Barreto.

A amostra envolveu todos os professores das escolas que não se opuseram a participação no presente estudo, com idades variando entre 22 e 48 anos (média 33,63 ± 8,19), a maioria do sexo feminino (89%). A distribuição entre as faixas etárias variou da seguinte forma: 10 entre 21 a 25 (26,3%), 5 de 26 a 30 (13,2%), 8 de 31 a 35 (21,0%), 7 de 36 a 40 (18,4%), 3 de 41 a 45 (7,9%) e 5 com mais de 45 anos (13,2%). Neste caso, observa-se que houve um certo equilíbrio com relação a faixa etária dos participantes, sendo todas as faixas contempladas.

A coleta de dados foi realizada no período de agosto a dezembro de 2010. A amostra foi de conveniência, uma vez que contou apenas com a participação daqueles que se dispuseram a responder.

Com relação ao sexo, 89,5 % são do sexo feminino, enquanto apenas 15% do sexo masculino.

Quanto ao estado civil, 53,1% são casados ou convivem maritalmente com um(a) companheiro(a); 34% se disseram solteiros, 2,6% Viúvo e 10,3% estava separado à época da pesquisa. A religião, foi outro aspecto observado. Nesta dimensão, 86,8% se auto-designou católico e 13,2% protestante.

Observou-se adicionalmente sobre a escolaridade dos participantes, na tabela a seguir.

Tabela 1: Escolaridade

Escolaridade	Frequência	Percentual (%)
Ensino Médio Incompleto	02	6,2
Ensino Médio Completo	07	18,4
Ensino Superior Incompleto	13	34,2
Ensino Superior Completo	16	42,1
Total	38	100,0

Barbalha, 2010

No caso da escolaridade, observa-se que alguns dos sujeitos ainda não chegaram a concluir o ensino médio (6,2%) . 18,4% possui o ensino médio completo; 34,2% possui o ensino superior incompleto e 42,1% já concluiu os estudos superiores.

Os participantes se distribuíram da seguinte forma quanto as escolas que foram objeto do presente estudo:

Tabela 2: Escola em que trabalha

Escola que trabalha	Frequência	Percentual (%)
CEI Maria das Graças F. Correia	11	29,0
E. de E. Infantil Alfredo Correia de Oliveira	03	7,9
CEI Martinho Tavares Teles	03	7,9
E. de E. Infantil Maria das Dores Sampaio	05	13,2
Creche Maravilha	02	5,2
CEI Infantil Murilo de Sá Barreto	14	36,8
Total	38	100

Barbalha, 2010

Dentre as Escolas participantes do estudo, a maioria dos participantes foram do Centro de educação Infantil Murilo de Sá Barreto (36,8%) e do Centro de educação Infantil Maria das Graças F. Correia (29,0%). As outras escolas participaram de acordo com o número de Professores do estabelecimento.

Instrumentos: Os participantes responderam a um questionário contendo dois blocos de perguntas que procuravam conhecer os seguintes aspectos: (1); (2) Características sócio-demográficas.

1 - *Inventário de Burnout de Maslach* O instrumento mais utilizado para avaliar *burnout*, independentemente das características ocupacionais da amostra e de sua origem, segundo Gil-Monte e Peiró (1999), é o MBI - Maslach Burnout Inventory, elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson em 1978. Sua

construção partiu de duas dimensões, exaustão emocional e despersonalização, sendo que a terceira dimensão, realização profissional, surgiu após estudo desenvolvido com centenas de pessoas de uma ampla gama de profissionais (Maslach, 1993).

Inicialmente, o inventário possuía 47 itens que foram administrados em uma amostra de 605 sujeitos de várias ocupações profissionais. Dez fatores emergiram e, por meio de uma avaliação criteriosa, foram eliminados seis deles, juntamente com 24 itens que não possuíam peso fatorial superior a 0,40. Após aplicação em uma nova amostra de 420 sujeitos com perfil igual ao anterior, os mesmos quatro fatores emergiram, sendo que somente três destes apresentaram significância empírica (Maslach & Jackson, 1981; Cordes & Dougherty, 1993; Moreno, Bustos, Matallana & Mirrales, 1997). A consistência interna das três dimensões do inventário é satisfatória, pois apresenta um alfa de Cronbach que vai desde 0,71 até 0,90 e os coeficientes de teste e reteste vão de 0,60 a 0,80 em períodos de até um mês (Maslach & Jackson, 1981).

O MBI avalia como o trabalhador vivencia seu trabalho, de acordo com três dimensões conceituais: exaustão emocional, realização profissional e despersonalização. Em sua primeira versão, o inventário avaliava a intensidade e a frequência das respostas com uma escala de pontuação do tipo Likert, variando de 0 a 6 (Maslach & Jackson, 1981; Maslach & Leiter, 1997). A segunda edição do MBI, realizada em 1986, passou a utilizar somente a avaliação da frequência, pois foi detectada a existência de alta associação entre as duas escalas, sendo que muitos estudos apontaram correlação superior a 0,80 (Maslach & Jackson, 1986; Maslach, 1993; Moreno e cols., 1997).

O MBI é um instrumento utilizado exclusivamente para a avaliação da síndrome, não levando em consideração os elementos antecedentes e as conseqüências de seu processo. Ele avalia índices de *burnout* de acordo com os escores de cada dimensão, sendo que altos escores em exaustão emocional e despersonalização e baixos escores em realização profissional (esta subescala é inversa) indicam alto nível de *burnout* (Maslach & Jackson, 1986). Gil-Monte e Peiró (1997) reforçam a importância de avaliar o MBI como um construto tridimensional, ou seja, as três dimensões devem ser avaliadas e consideradas, a fim de manter sua perspectiva de síndrome.

Nesse estudo, o MBI (Maslach _Burnout Inventory), é direcionado aos professores, para mensurar a frequência com que indivíduo experimenta sentimentos típicos do *burnout*. Consta de 16 itens, sendo 5 de Exaustão emocional (EE); 5 de Despersonalização e 6 de Envolvimento Pessoal no Trabalho (EPT), sendo respondido através de uma escala do tipo Likert de 7 pontos. A escala neste estudo vai de “0 = nunca” a “6 = todo dia” .

2 - *Escala de Avaliação da Fadiga* - Trata-se de um instrumento auto-aplicável com 10 itens. As respostas são avaliadas em escala de cinco pontos, variando de 1 para *Nunca* e 2 para *Raramente*, 3 para *Algumas vezes*, 4 para *Frequentemente* e 5 para *Sempre*.

3 - *Características Sócio-Demográficas*. Tiveram o objetivo de demonstrar um perfil da amostra, envolvendo questões tais como: Sexo, Idade, Estado civil, Escolaridade, Renda média, dentre outras .

Procedimento: Os locais escolhidos para a coleta dos dados foram as escolas de Ensino Fundamental localizadas no Centro do município de Barbalha, estado do Ceará, a saber: CEI Maria das Graças F. Correia; E. de E. Infantil Alfredo Correia de Oliveira; CEI Martinho Tavares Teles; E. de E. Infantil Maria das Dores

Sampaio; Creche Maravilha; CEI Infantil Murilo de Sá Barreto. Os professores foram contactados com antecedência e esclarecidos do propósito do estudo. Em seguida receberam o instrumento para que fosse respondido.

Análise dos dados: As respostas dos participantes foram inicialmente armazenadas em um arquivo do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS 11.5). Com este programa, utilizaram-se análises estatísticas descritivas e de tomada de decisão: frequência, percentual, média e desvio padrão; o teste *t* de *student* (compara escores médios de dois grupos). A margem de erro deste estudo é de até cinco pontos percentuais, para mais ou para menos, com intervalo de confiança de 95%.

Resultados

Quanto a satisfação laboral, foram feitos dois questionamentos, a seguir:

Tabela 3: Está satisfeito(a) com a atividade que realiza?

Satisfação laboral	Frequência	Percentual (%)
Sim	35	92,1
Não	1	2,6
Não responderam	2	5,3
Total	38	100

Barbalha, 2010

Neste caso, observa-se que 92,1% dos respondentes está satisfeito com o trabalho que realiza. Apenas dois sujeitos não responderam a este item.

Tabela 4: Se pudesse mudaria de profissão?

Satisfação laboral	Frequência	Percentual (%)
Sim	10	26,3
Não	26	68,4
Não responderam	2	5,3
Total	38	100

Barbalha, 2010

Questionados sobre a possibilidade de mudar de profissão, 68,4% prefere se manter na profissão, e 26,3% relatou o desejo de mudar de profissão. Apenas 5,3% não respondeu a este item. Indagados que foram

sobre o porquê do desejo da mudança, as respostas foram: *a profissão é stressante, cansativa incompreensão e falta de valorização profissional.*

Adicionalmente procuraos conhecer os participantes quanto ao nível de síndrome de burnout. As respostas estão na tabela a seguir.

Tabela 5: Síndrome de Burnout

Nível de Burnout	Baixo	Médio	Alto
<i>Exaustão Emocional</i>	62,2%	13,6%	18,2%
<i>Despersonalização</i>	71,1%	18,4%	10,5%
<i>Envolvimento Pessoal no Trabalho</i>	15,8%	57,9%	26,3%

Barbalha, 2010

Com relação a Síndrome de Burnout entre os professores, constatou-se os seguintes resultados: Exaustão emocional - 62,2% no nível baixo, 13,6% no nível médio e 18,2% no nível alto; Despersonalização - 71,1% no nível baixo; 18,4% no nível médio e 10,5% no nível alto; Envolvimento pessoal no trabalho – 15,8% no nível baixo; 57,9% no nível médio e 26,3% no nível alto.

Estes resultados demonstram que já existe um comprometimento no sentido de se vir a desenvolver a síndrome em pelo menos 32,8% da amostra que se encontra em nível de exaustão emocional médio ou alto. Este aspecto fica também demonstrado quando temos 15,8% da amostra com um baixo nível de envolvimento pessoal no trabalho. Outro indicador importante é que 10,5% já se encontram no nível de despersonalização, uma fase bem considerável de burnout, porém passível de tratamento.

Com relação a Avaliação da fadiga, os dados demonstraram o exposto na tabela seguinte:

Tabela 6: Fadiga

Score da Fadiga	f	%
< 25	18	47,4
25-30	15	39,5
>30	5	13,1
Total	38	100

Barbalha, 2010

Esses resultados nos levam a crer que existe uma associação positiva com a síndrome de burnout, onde observamos que pelo menos 13,1% da amostra já apresenta um nível importante de fadiga, de maneira semelhante àqueles que apresentaram níveis consideráveis de burnout.

Discussão e Conclusão

Observou-se, no presente estudo, que a pontuação total das médias em cada dimensão do MBI (Maslach Burnout Inventory) para a maioria dos entrevistados se encontra dentro da média para Exaustão Emocional (EE) e Despersonalização (DE) e levemente baixos para reduzida Realização Profissional, considerando as médias adotadas pelo Gepeb – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout (BENEVIDES-PEREIRA, 2002), apresentadas também por Volpato et al. (2003) como valores-padrão das médias da população brasileira.

Portanto, tomando ainda como referência as médias apontadas pelo Gepeb (BENEVIDES-PEREIRA, 2002), a presente pesquisa mostrou resultados preocupantes, uma vez que 18,2% dos entrevistados apresentaram níveis altos em Exaustão Emocional (EE) e em Despersonalização (DE) 10,5% e baixos para reduzida Realização Profissional (15,8%). Os resultados observados corroboram estudos de Benevides-Pereira (2002) e Campos (2005), os quais sugerem que um indivíduo revela síndrome de burnout quando apresenta altos níveis de Exaustão Emocional (EE) e Despersonalização (DE) e baixo nível de reduzida Realização Profissional (RP).

Desta forma, pode-se pensar em resultados preocupantes para a categoria dos professores do Ensino Fundamental, no Município de Barbalha, uma vez que revelando altos níveis de exaustão emocional, apresentam esgotamento físico e mental; com os altos níveis de despersonalização, revelam sentimentos de extrema frieza com os que estão à sua volta, como colegas de trabalho, alunos, superiores e familiares. Quanto à reduzida realização profissional, revelam falta de motivação e insatisfação com o trabalho, julgando-se incapazes de cumprir com as demandas de sua função. A combinação desses três fatores representa séria ameaça à saúde do profissional da educação e comprometimento de seu trabalho, exigindo intervenção imediata à síndrome.

O percentual de professores pesquisados com índice elevado em Exaustão Emocional (EE) já revela um processo de burnout em curso, levando-se em conta as considerações de Maslach e Jackson (1981), as quais estabelecem que burnout é um processo que se desenvolve em etapas, sendo a primeira delas a exaustão emocional. Codo (1999), num estudo realizado com trabalhadores da educação em todo o território brasileiro, observou que 48,4% deles experimentam a síndrome de burnout, pois apresentam níveis elevados em pelo menos uma das subescalas.

Discutindo a ocorrência da síndrome de burnout em professores, Carlotto (2004) enfatiza ser ela considerada atualmente um problema social de extrema relevância, vinculando-se a grandes custos organizacionais em razão de rotatividade de pessoal, absenteísmo, problemas de produtividade e qualidade do serviço prestado.

Os resultados referentes ao perfil sociodemográfico dos professores pesquisados, apresentados neste estudo, revelaram um grupo predominante feminino, perfil similar ao dos estudos de Codo (1999), com quase 39 mil trabalhadores em educação no Brasil, e Volpato (2003), com professores de escolas municipais do município de Maringá (PR), nos quais a grande maioria dos professores é do sexo feminino.

Em resumo, observou-se indícios de Síndrome de Burnout e fadiga na amostra estudada, entretanto recomendam-se novos estudos em que possam utilizar um universo maior de sujeitos, inclusive com um maior número de escolas.

As relações sociais, as redes de relações e o apoio social são tópicos atuais da Psicologia, especialmente no que diz respeito às contribuições que esta ciência pode dar ao Bem-Estar e Satisfação com a Vida das pessoas (NERI, 2004). Acreditamos que estudos futuros que utilizem o argumento em favor da idéia de que as relações

sociais podem, de várias formas, promover melhores condições de saúde, podem nos esclarecer mais sobre a temática da Síndrome de Burnout.

Referências

- BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. (Org). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BORGES, L. O.; FERREIRA, M. C. (Org.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: UNB/Finatec, 2002.
- BORGES, L. et al.- A síndrome de burnout e os valores organizacionais: um estudo comparativo em hospitais universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002, 15, 189-200.
- BORGES, Livia Oliveira et al. A síndrome de burnout e os valores organizacionais: um estudo comparativo em hospitais universitários. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.15, n.1, p.189-200, 2002.
- CAMERON, C. Theory of fatigue. **Ergonomics**, v. 16, n. 5, p. 633-648.
- CAMPOS, Rosângela Galindo de. Burnout: uma revisão integrativa na enfermagem oncológica. Ribeirão Preto (SP), 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. p.54-70, 1973.
- CARLOTTO, M.S.. Síndrome de burnout e características e cargos em professores universitários. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v.42, n.2, p.145-162, 2004.
- CODO, Wanderley (Coord.). Educação – carinho e trabalho: **Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**. Petrópolis (RJ): Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação; Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.
- CODO.; VASQUES-MENEZES, Iône. **Burnout**: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. Cadernos de saúde do trabalhador: trabalhadores em educação, v.14, p.29-48, 2000.
- FERREIRA, A.B.de H. **Novo Aurélio Século XXI**. O dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2132 p, 1999.
- GIL-MONTE, P. R., & PEIRÓ, J. M. **Desgaste psíquico en el trabajo: El síndrome de quemarse**. Madrid: Síntesis, 1997.
- _____, J. M. Validez factorial del Maslach Burnout Inventory en una muestra multiocupacional. **Psicothema**, 11(3), 679-689, 1999.
- MASLACH, C. (1993). Burnout: A multidimensional perspective. Em W.B.Schaufeli, C. Maslach & T. Marek (Eds.), **Professional burnout: Recent developments in theory and research** (pp.19-32). New York: Taylor & Francis.
- MASLACH, C., & JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2, 99-113, 1981.
- _____. (2nd ed). **Maslach Burnout Inventory**. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press, 1986.
- MASLACH, C., S.E., JACKSON & LEITER, M. P. **The Maslach Burnout Inventory — Test manual**. Palo Alto, CA. Consulting Psychologist Press, 1996.

- MASLACH, C., & LEITER, M. P. **The truth about burnout: How organization cause, personal stress and what to do about It.** San Francisco: Jossey-Bass, 1997.
- MORENO, B. J., BUSTOS, R. R., MATAALLANA, A. A., & MIRRALES, C. T. La evaluacion del burnout. Problemas y alternativas. El CBB como avaliação dos elementos do processo. **Revista de Psicología del Trabajo**, 13(2) 185-207, 1997.
- GARCIA, Lenice Pereira; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. Investigando o burnout em professores universitários. **Revista Eletrônica Interação Psy**, ano 1, n.1, p.76-89, 2003.
- GOLDSTEIN, G. **Chronic Fatigue Syndrome.** The Limbic Hypothesis. The Haworth Press Inc., N York, 1993.
- LINO, B.H. A fadiga. In: CONGRESSO NACIONAL DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRABALHO, 17. **Anais.** São Paulo: FUNDACENTRO. p. 101-114, 1978.
- MARZIALE, M.H.P. **Estudo da fadiga mental de enfermeiros atuantes em instituição hospitalar com esquema de trabalho em turnos alternantes.** Ribeirão Preto, 1990. p.122. Dissertação (Mestrado) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1990.
- PIPER, B.F. Fatigue. In: Carrieri, V.K.; Lindsey, A.M.; West, C.W. (eds.) **Pathophysiological phenomena in nursing: human responses to illness.** Philadelphia: W.B. Saunders. p. 219-234, 1986.
- POTEMPA, K.M. Chronic fatigue. **Annu.Rev.Nurs.Res.**, v. 11, p. 57-76, 1993.
- RHODES, V.; WATSON, P.; HANSON, B. (1988). Patients' descriptions of the influence of tiredness and weakness on self-care abilities. **Cancer Nurs.**, v. 11, p. 186-194.
- RYAN, A.H. Varieties of fatigue. **Am.J.Psychol.**, v. 57, p. 565-569, 1994.
- SILVANY NETO, Annibal M. et al. Condições de trabalho e saúde de professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.24, n.1/2, p.42-56, 2000.
- SMITH L, HAMMOND T, MACDONALD I, FOLKARD S. 12 h shifts are popular but are they a solution? **Int J Ind Erg** 1998;21:323-31.
- SKALLA, K.A.; LACASSE, C. Fatigue and the patient with cancer: what is it and what can I do about it ?. **Oncol.Nurs.Forum**, v. 19, n. 10, p. 1540-1541, 1992.
- YOSHITAKE, H. Rating the feelings of the fatigue. **J.Science Labour**, v. 45, n. 7, p. 422-432, 1969.
- YOSHITAKE, H. There are characteristic patterns of subjective fatigue symptoms. **Ergonomics**, v. 21, n. 3, p. 231-233, 1978.
- YOSHITAKE, H. Relations between the symptoms and feeling of fatigue. **Ergonomics**, v. 14, n. 1, p. 175-186, 1971.
- VOLPATO, Daiane Cristina et al. Burnout: o desgaste dos professores de Maringá. **Revista Eletrônica Interação Psy**, ano 1, n.1, p.90-101, 2003.
- WOOD, Teri; McCARTHY, Cris. Understanding and Preventing Burnout in Teacher, 2002.Disponível em: www.ericdigests.or/2004-1/burnout.htm; acesso em: 11 mar. 2005.

Sobre a autora:

- (1) **Raimunda Lucélia Saraiva Fernandes** é Pós graduada em psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do cariri – URCA.
- (2) **Agrênia Custódio de Lima** é Acadêmica de Enfermagem pela Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN.
E-mail: agrenia.a@hotmail.com

Como citar este artigo (Formato ISO):

FERNANDES, R.L.S; LIMA, A.C. Fadiga e Síndrome de Burnout entre professores da Educação Infantil no município de Barbalha-CE. **Id on Line Revista de Psicologia**, Julho de 2011, vol.1, no.14, p.80-96. ISSN 1981-1189.